

## DISPUTANDO O LUGAR DE FALA: TENSIONAMENTOS RACIAIS ATRAVESSADOS PELA SEXUALIDADE E A PERFORMANCE DE GÊNERO DE MULHERES NEGRAS

**Isadora Lopes Harvey**

*Doutoranda do Curso de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia – UFBA, harveyisadora@gmail.com;*

**Julianna Paz Japiassu Motter**

*Doutoranda no Curso de Comunicação e Culturas Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia – UFBA, juliannamotter@gmail.com;*

### Resumo

Em razão da recente crise sanitária provocada pela pandemia da COVID-19, diversos campos de articulações sociais e políticas têm, conseqüentemente, sido transferidos para espaços virtuais. Nesse cenário, plataformas de redes sociais, como o Instagram, intensificam sua atuação não apenas enquanto veículos, mas também como espaços mediadores (BENTES, 2008; DJICK; POELL e WAAL, 2013; LUPTON, 2014; GILLESPIE, 2018) para (re)produção de interações. Este trabalho procura oferecer uma análise de discursos e temas raciais discutidos por mulheres negras, na plataforma Instagram, cujas sexualidades e identidades/performances de gênero fogem à hegemonia (LORDE, 2012). Dessa forma, esperamos ampliar a compreensão quanto aos atravessamentos que sexualidades dissidentes podem trazer para o debate racial proposto por mulheres negras lésbicas e suas manifestações mais atuais.

**Palavras-chave:** Mulheres negras lésbicas; Sexualidades dissidentes; Antirracismo; Plataformas de redes sociais

## Introdução

A eclosão de uma crise sanitária global, ocasionada pela pandemia da COVID-19, resultou em um aumento exponencial do uso de plataformas digitais para mediação de interações sociais. Em razão das medidas de isolamento social, implementadas de diversas maneiras por todo o mundo, empresas, universidades, organizações de sociedade civil, organismos internacionais, e mais, foram forçados a transportar seus ambientes de trabalho, pesquisa, desenvolvimento social e político, entre outros, para ambientes virtuais. As plataformas digitais, especialmente as de redes sociais, deixaram, portanto, de serem objeto de campos do conhecimento específicos, para concentrarem grande parte da vida social.

Plataformas digitais, no que se refere a este trabalho, estão compreendidas enquanto estruturas capazes de não apenas “(...) refletir o social, mas ainda, de (re)produzir o social e seus dilemas do cotidiano” (MOTTER, 2020, p. 5). Neste sentido, plataformas de redes sociais, como o aplicativo *Instagram*, estarão aqui definidas enquanto estruturas que, para além de possibilitarem envolvimento entre perfis e usuárias/es/os, assim como com as próprias plataformas, compreendem articulações político-sociais e fenômenos sociais.

Com grande parte da vida social transferida para ambientes digitais, grupos e organizações sociais têm feito o esforço de organizar-se virtualmente, seja por meio de encontros, debates, conversas, ou outras formas de interação. Esses esforços têm objetivado não apenas a promoção de entretenimento, mas também visam o próprio reestabelecimento da organização político-social de ação e reflexão. É, nesta perspectiva, que parte desse trabalho consiste em refletir sobre a forma pela qual as plataformas têm (re)produzido determinadas dinâmicas sociais (BENTES, 2018; DJICK; POELL e WAAL, 2013; LUPTON, 2014; GILLESPIE, 2018).

Uma segunda parte do trabalho busca compreender se é possível identificar correlações entre as (in)visibilidades que mulheres negras, cujas sexualidades são dissidentes de uma cisheteronorma, experimentam na vida social e uma possível transposição dessa realidade, que se (re)produziria, a partir de seu uso dessas plataformas. Em outras palavras, seriam o gênero, a raça e a sexualidade marcadores sociais relevantes para refletir sobre a presença político-social

virtual de mulheres negras lésbicas, tendo enquanto foco a plataforma *Instagram*?

## Metodologia

Ao analisar publicações de perfis de mulheres negras lésbicas, que utilizam suas contas de *Instagram* para produção de conteúdo sobre antirracismo, combate ao sexismo e à LGBTIfobia, esse trabalho procura ampliar a compreensão quanto aos atravessamentos que sexualidades dissidentes podem trazer para o debate racial proposto por essas mulheres, assim como seus mais recentes debates de interseccionalidade. A análise foca nas publicações que promovem encontros – aqui, avaliadas em termos de *lives* – entre mais de um perfil e os temas escolhidos para os respectivos debates. As publicações em voga passaram por processos de raspagem de dados, tabulação e, posterior análise.

Assim, três perfis específicos foram escolhidos para sustentar a análise proposta, levando em consideração critérios como sua visibilidade dentro da comunidade LGBTI+ – mais especificamente, da comunidade lésbica – e a presença de temática racializada nos conteúdos apresentados. São elas: @sapataoamiga, @pretacaminhao, @lesbicanegraecaminhao<sup>1</sup>.

Por meio de métodos cartográficos, Motter (2020) realizou um mapeamento que tornou possível tecer de quais maneiras a articulação de mulheres, que se relacionam exclusivamente sexo-afetivamente com outras mulheres, assim como sua sexualidade, têm transformado as tecnologias. Para acompanhar o processo das rebuceteias dentro da plataforma *Instagram*, foram selecionados oito (8) perfis de mulheres lésbicas, que atenderam critérios como: (i) realização de *lives*, com outras mulheres lésbicas, no contexto da pandemia da COVID-19; (ii) alcance de perfil<sup>2</sup>; (iii) interlocução com outros perfis de lésbicas e/ou

1 Importante ressaltar que a escolha desses perfis representa um fragmento racializado do campo construído por Julianna Motter. ao mapear rebuceteias. Para mais informações sobre esse fenômeno, ver MOTTER, 2020.

2 Exemplos de medição: compartilhamento de suas publicações (viralização), participação em outras plataformas próprias e/ou aparições em de outras/es/os usuárias/es/os, destaque em mídias, participação em eventos/ocasiões relevantes para a comunidade lésbica.

perfis que abordam outras questões sociais; (iv) produção frequente de conteúdo; (v) e participação em *lives* de outras/es/os usuárias/es/os, durante o período de isolamento social. Tendo, em seguida, os perfis sido categorizados conforme temáticas abordadas e respectivas localizações geográficas.

## Referencial teórico

Ainda que cada pessoa tenha particularidades e singularidades, todas/es/os participamos de um emaranhado de relações sociais, por meio das quais se constituem nossas identidades coletivas. Mesmo passíveis de constantes transformações,

O importante nas identidades é que elas são resultados de processos históricos de uma sociedade. As identidades têm a ver com as inscrições dos sujeitos históricos numa sociedade. Elas constituem parte das relações políticas entre os grupos sociais na medida em que o seu reconhecimento ou não tem implicações sociais, fazem parte dos conflitos de lutas pela hegemonia e pelo poder nas sociedades. Todas têm relação com o conjunto de conhecimento aceitos ou não [...]. (CUNHA JUNIOR, 2017, p. 4)

Estudar os processos sociais em contextos de plataformização da sociedade (DIJCK; POELL; WAAL, 2018) significa buscar formas de compreender em quais maneiras as plataformas digitais têm (re)mediado e (re)produzido determinados fenômenos, sujeitas/es/os, práticas, interações, debates, entre outros. Para o presente trabalho, interessa apontar formas pelas quais mulheres negras lésbicas têm se organizado coletivamente – especialmente na dependência tecnológica provocada pela pandemia de COVID-19 – para alavancar suas demandas e reivindicar seus relatos de si (BUTLER, 2015). Ou seja, suas autorrepresentações, eticamente organizadas, em uma ambiência – a digital – que, a priori, fornece um acesso democrático ao discurso público.

Tratar dos processos de plataformização<sup>3</sup> ou apontar pesquisas para as ambiências digitais, significa lidar com estruturas bastante opacas e de constante fluidez. Primeiro, porque não se trata de estudar as plataformas em si mesmas. Uma vez que as tecnologias estão cada vez mais imbricadas, em todos os espaços e fenômenos da vida humana. Assume-se, portanto, a importância em demarcar a complexidade das redes sociotécnicas envolvidas. Redes que compreendem, sobretudo, entidades instáveis: algoritmos, dispositivos e interfaces, atualizações de desenvolvedores, (re)apropriações das/es/os usuárias/es/os, ecossistema platafórmico, processos de coprodução, interesses econômicos etc.

Usuárias/es/os de diversos perfis têm se apropriado de plataformas de redes sociais, como o *Instagram*, visto tratar-se de “um dispositivo privilegiado para mapearmos trajetórias contemporâneas em disputa nas relações entre olhar, tecnologia, imagem, economia e subjetividade” (BENTES, 2018). Valendo o reforço de que, plataformas de redes sociais, são compreendidas, neste trabalho, enquanto contextos controlados e estruturados por algoritmos<sup>4</sup>, que compreendem e viabilizam fenômenos sociais (DJICK; POELL e WAAL, 2013; LUPTON, 2014; GILLESPIE, 2018).

Historicamente, narrativas acerca das lesbianidades são permeadas por hiatos, especialmente ao tratar da presença de lésbicas negras, indígenas, trans, periféricas, gordas, com deficiência, entre tantas outras. A invisibilização dessa multiplicidade de existências e vivências lesbianas resvala, por sua vez, de maneira inevitável em seu uso das tecnologias digitais; mediada por algoritmos, das próprias plataformas, que respondem<sup>5</sup> às lesbianidades de diferentes formas. Por exemplo, usuárias/es que correspondem a um determinado padrão, tradicionalmente criado do que deveria significar ‘ser lésbica’ – como

3 Autoras/es como Tarcizio Silva (2020a; 2020b), Safiya Noble (2018) e Taina Bucher (2018) são algumas das referências de pesquisadoras/es que propõem análises críticas dos crescentes processos de plataformização das sociedades contemporâneas.

4 Gostaríamos de sugerir o documentário “Coded Bias” (2020) como recurso complementar de compreensão sobre esta questão.

5 O uso do termo “respondem” tem a ver com o fato de que as relações com as tecnologias e, especialmente, com as plataformas devem ser pensadas na lógica do *input* e do *output*, entendendo que solicitamos/perguntamos (*input*) coisas e recebemos algum tipo de coisa em troca.

ser branca, performar um tipo de feminilidade mais próxima da norma, ter boas condições financeiras, estar no eixo Sul-Sudeste do Brasil, ser cisgênera –, experimentam maior facilidade de acesso à recursos de verificação e/ou autenticidade pelas plataformas<sup>6</sup>. Isso significa, que a despeito do discurso em que a internet surge e é, em vários momentos, demarcada – enquanto um território democrático, igualitário e neutro –, fica nítido que a ela não escapam as relações de poder, de opressão e de contradições, próprias da sociedade (NATANSHON, 2013).

Nesse sentido, tecnologias digitais (re)criam regimes de visibilidade que instituem modos de fazer ver (FOUCAULT, 1987), assim como determinam o que é, ou não, visto. Afinal, as (in)visibilidades também fazem parte de um jogo de poder (FOUCAULT, 1987). Essa curadoria algorítmica do visível (BENTES, 2019) – o grande produto e mercado das plataformas digitais –, principalmente se entendermos que artefatos tecnológicos e práticas sociais se coproduzem (D'ANDRÉA, 2020) em todo tempo, abre margem para questões como: de quais formas as diferentes plataformas têm (re)produzido as lesbianidades? Em contrapartida, como as plataformas têm sido (re)produzidas a partir das lesbianidades?

## Resultados

No que diz respeito a este trabalho, três (3) destes perfis, cuja temática central é o eixo da negritude, serão mobilizados. Sendo elas: @sapataoamiga, @pretacaminhao, @lesbicanegraecaminhao. Na tabela abaixo, é possível observar a categorização, a elas atribuídas, na pesquisa de origem:

6 Para produtoras/es de conteúdo, especialmente aqueles/as envolvidos/as em redes de ativismo e de garantia por direitos, a verificação consiste na possibilidade de ter maior segurança, garantida pela plataforma, no que diz respeito ao uso indevido dos conteúdos publicados; à invasão das contas; e mesmo para o caso de possíveis perfis fakes. Para mais informações sobre a campanha #verificasapatao, ver MOTTER, 2021.

**Tabela 1: Categorização regional e temática dos perfis selecionados**

PERFIS	REGIÃO	TEMÁTICAS
@sapataoamiga	Sudeste	Negritudes; Lesbianidades; Cultura e práticas culturais; Cultura lésbica;
@pretacaminhao	Sudeste	Negritudes; Lesbianidades; Outras performances de feminilidade; Cultura e práticas sociais;
@lesbicanegraecaminhao	Nordeste	Negritudes; Lesbianidades; Outras performances de feminilidade; Saúde mental;

Fonte: Autoria própria a partir da extração de fragmento da base de dados construída por MOTTER, 2020.

De imediato, gostaríamos de destacar algumas informações básicas. No que tange ao território, é interessante notar que, embora haja uma repetição na região geográfica 'Sudeste', cada uma possui uma regionalidade diferente. A saber, @sapataoamiga está localizada no subúrbio do Rio de Janeiro; @pretacaminhao em Contagem, município de Minas Gerais, da região metropolitana de Belo Horizonte; e @lesbicanegraecaminhao, nascida na Bahia e morando, atualmente, em São Paulo.

Ainda que estejamos olhando para um fragmento pequeno de uma análise maior, a diversidade nacional permanece tendo relevância quando narrativas e discursos hegemônicos estão em discussão. Outra percepção inicial evidente, está nas temáticas abordadas por cada perfil. Dentre as selecionadas, todas abordam os temas acerca de negritudes e lesbianidades, em uma mesma ordem. Esse fator, por si, já nos dá pista do que provoca Audre Lorde, quando afirma “Eu nasci negra e mulher [...]. Entre as mulheres, eu sou negra; entre as pessoas negras, eu sou lésbica<sup>7</sup>” (2012).

A constatação da escritora caribenha-americana, é um primeiro passo para que possamos aproximarmo-nos de uma perspectiva, que compreenda certas distinções às quais estão submetidas mulheres negras, cujas sexualidades são dissidentes. Na pesquisa de origem, sobre essa questão, Motter (2020) aponta para o contexto norte-americano ressaltando como as mulheres negras, cujas performances de feminilidade fogem à hegemônica e que, muitas vezes se

7 “Não existe hierarquia de opressão”, de Audre Lorde: <<https://www.geledes.org.br/nao-existe-hierarquia-de-opressao/>>.

autodenominam enquanto *butches*, foram as primeiras a trazer à tona o tema das lesbianidades; sendo pioneiras nas conquistas de espaços políticos e na divulgação de uma cultura lésbica.

Outro aspecto relevante, diz respeito à incidência do tema sobre outras performances de feminilidade, tendo dois dos três perfis mobilizado o assunto, de maneira principal. Mas antes de adentrar na questão performance, vale destacar alguns entendimentos nossos sobre a construção político-social, imposta às mulheres, denominada feminilidade. Em uma cultura que socializa mulheres na construção do desejo de subjugação e dominação, à serviço dos homens, não é considerada sua liberdade para definir o espectro de seu próprio sexo e de sua feminilidade – ou ausência de feminilidade. Nesse sentido, uma análise mais materialista das relações sociais de sexo parece melhor traduzir a reflexão que buscamos provocar. Pois, se considerarmos ‘gênero’ enquanto uma categoria que cria hierarquias – por meio de uma definição biológica, sob o mero objetivo de garantir manutenção à um sistema de opressão, dominação e exploração das mulheres –, poderíamos questionar, em que medida, sociedades patriarcais manipulam uma realidade biológica em ordem de forjar uma diferenciação social entre os gêneros (MATHIEU, 2014). Segundo esta lógica,

Dada a dissociação entre pulsão sexual e mecanismos hormonais da reprodução nas fêmeas humanas, essas coações são exercidas na maioria das sociedades pela imposição da regularidade do coito (principalmente no casamento) e pela transformação do organismo psicofísico das mulheres para canalizar um desejo normalmente polimórfico, para a heterossexualidade – e especializá-las com fins reprodutivos. (*Ibidem*, p. 206)

Ora, se tudo aquilo que define feminilidade, em sociedades patriarcais ocidentais, pode vir a ser considerada fruto de uma farsa social e ideológica – que prioriza e hierarquiza homens, em detrimento das mulheres –, qual seria, então, o lugar ocupado por mulheres que recusam-se a performar uma feminilidade hegemônica? E o que acontece quando, a esses corpos, se sobrepõem outros dispositivos que estruturam uma mesma narrativa de opressão? As pistas dessa resposta já foram dadas pela declaração negra feminista manifesta pela Coletiva do Rio Combahee (1977), “(...) a combinação da sua identidade sexual



e identidade racial faz única sua situação vital total tanto como o enfoque de suas batalhas políticas.”

Ainda que outros assuntos permeiem as discussões mobilizadas pelas três produtoras de conteúdo em questão – Cultura Lésbica; Cultura e Práticas Sociais; Cultura e Práticas Culturais; e Saúde Mental –, uma análise mais apurada de seus perfis demonstra o quão estrutural se configuram os atravessamentos provocados pelos debates que interrelacionam negritude e feminilidade, em uma perspectiva lesbiana. A seguir, trazemos alguns exemplos, por meio de publicações dos perfis, que organizam o tom de nossa provocação.

Dentre os exemplos, destacamos o texto *Que representatividade é essa que só enxerga uma forma de feminilidade?* publicado por @pretacaminhao<sup>8</sup>. Na postagem, apresenta a perspectiva de alguém que, a despeito de supostos esforços pela ‘diversidade’, permanece invisível a determinados projetos:

“O movimento é legítimo e necessário, porém, sempre me encuca que mesmo buscando o diverso, só uma forma específica de feminilidade é representada. É buscar novas narrativas para novos corpos desde que dentro daquela feminilidade clássica que vocês já conhecem. Que representatividade é essa que eu continuo não me enxergando? Que continua excluindo mulheres assim como eu dos espaços? Que continua reforçando que mulheres como eu são menores mulheres por não se encaixar num padrão específico.” (@PRETACAMINHAO, 2021)

A escolha dos termos “sapatão” e “caminhão”, constitutivos em seus nomes de usuárias no *Instagram*, remonta à importância das *butches* no contexto norte-americano. Ao reacenderem a discussão sobre uma noção de lesbianidade atrelada à branquitude – destacando a consequente exigência de que mulheres negras, em geral, tenham que buscar outras formas de se nomear –, explicitam a maneira pela qual a questão racial demarca um outro espaço, principalmente no caso de vivências das lesbianidades dessas mulheres.

8 Publicação questiona a homogeneidade na representação de mulheres. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKy-x35n0Cs/>.

O racismo na comunidade lésbica, assim como nas demais siglas, também é foco das denúncias feitas pelas produtoras – como é possível observar a partir de publicação da @sapataoamiga<sup>9</sup>. Ao denunciar a escassez do debate racial dentro da comunidade, aponta a resistência da própria comunidade branca LGBTQIA+ em reconhecer lésbicas negras enquanto sujeitas dignas de afeto. A necessidade de demarcar espaços, tanto nos movimentos lésbicos, quanto em movimentos negros, têm sido, por vezes, um importante mote do debate dessas produtoras; ao que observamos por meio de algumas de suas publicações. Ao ler o livro “Sou Sua Irmã”, escrito por Audre Lorde (2020), @lesbicanegraecaminhao destaca a maneira como, historicamente<sup>10</sup>, muitas semelhanças e similaridades prevalecem às condições de exclusão de lésbicas negras.

Esses retratos nos provocam a retomar o questionamento: O que vem antes? Ser negra, mulher ou lésbica? Que posição ocupa essa sexualidade dissidente (visto que a heterossexualidade é a norma de inteligibilidade)? Será preciso encontrar uma outra gramática que dê conta desse lugar?

O fato, também como um novo exemplo, de determinados perfis ou grupos serem verificados mais facilmente do que outros abre questões, não apenas sobre o grau de assimilação ou aceitabilidade de determinadas/es/os sujeitas/es/os e grupos em detrimento de outros – reflexo da cisheteronormatividade, do racismo, da transfobia, do capacitismo etc. –, mas principalmente sobre a falta de transparência desse tipo de processo dentro das plataformas (MOTTER, 2021).

Quando tratamos de experiências, trajetórias e vivências de mulheres negras, é recorrente apresentar a maneira pela qual suas particularidades são, socialmente, atribuídas. Da hiper-sexualização à objetificação de seus corpos, o contexto social brasileiro – onde as especificidades do “problema da cor” oscilam conforme a intensidade de características estéticas específicas de uma pessoa –, instiga reflexões quanto aos ganhos e/ou perdas sociais que recaem sobre pessoas negras, de acordo com sua proximidade do ideal de brancura.

9 Publicação denuncia o racismo entre a comunidade LGBTQIA+. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHvqX9tJUp2/>.

10 Publicação questiona o não-lugar de mulheres lésbicas negras. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ClbaTGJnfQB/>.

A inexistência de barreiras de cor e de segregação racial – baluartes da democracia racial – associada à ideologia do embranquecimento, resultava num crescente desestímulo à solidariedade do negro que percebia seu grupo de origem como referência negativa, lugar de onde teria que escapar para realizar, individualmente, as expectativas de mobilidade vertical ascendente. O caráter individualista da ascensão era coerente com as prédicas da democracia racial que colocava ênfase na capacidade individual como responsável pela efetivação do projeto [de ascensão]. (SOUZA, 1983, p. 22)

Estudos nacionais e internacionais têm, por anos, ressaltado as dinâmicas do racismo brasileiro, em detrimento à manutenção da ideologia de uma democracia racial. No Brasil, o imaginário dessa democracia racial é fonte de orgulho nacional, prova inconteste do *status* brasileiro de população civilizada; servindo, inclusive, de sustento às ferramentas que procuram negar a existência da ‘raça’, no país (GUIMARÃES, 1995). Não por acaso, o imbricamento das noções de raça e classe, assim como o compromisso político forjado com a democracia racial, seguem alimentando o questionamento quanto à relevância e à correspondência do racismo enquanto efeito resultante de uma realidade histórica de hierarquização anterior à um “problema de classe”. Não obstante, a influência de práticas racistas, sofisticadamente enraizadas na cordialidade de relações interpessoais, construiu estereótipos aos quais seguimos, há décadas, empenhadas em desmistificar.

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco<sup>11</sup> ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo

11 Para mais referências sobre as categorias aqui mobilizadas pela autora, ver Gonzalez, 1984.

sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. (GONZALEZ, 1984, p. 228)

Esses mesmos estereótipos, se observados enquanto produtos discursivos, alimentam a construção de um imaginário social nacional que, invariavelmente, molda identidades individuais e coletivas, conforme a conveniência do grupo que domina a narrativa discursiva. “É por aí que dá prá gente entender a ideologia do branqueamento, a lógica [...] que visa a dominação da negra mediante a internalização e a reprodução dos valores brancos ocidentais.” (GONZALEZ, 1984, p. 237). Pinto e Mignolo associam o desenvolvimento dessas ideologias opressoras com o advento da modernidade que, por trás de um discurso triunfalista, esconde a colonialidade que a constitui. Apresentando a indissociabilidade entre modernidade e colonialidade, os autores atribuem à modernidade:

(...) essa retórica de salvação da humanidade e suas expressões mais recentes – desenvolvimento e globalismo –, articulada por agentes e instituições que controlam a produção do conhecimento e traduzem os próprios privilégios em promessas para o resto do mundo, assim como o projeto de dominação cultural, econômica e política que ela promove (...). (2015, p. 383)

A partir desse raciocínio, seria possível afirmar que, no Brasil, as relações raciais permanecem reféns de um projeto de dominação e extermínio voltados para a população negra. Embora, hoje em dia, o racismo seja publicamente reconhecido enquanto elemento estruturante que marca a experiência de pessoas negras<sup>12</sup>, o conjunto de práticas mantenedoras dessa ordem opressora segue diluída, convenientemente associada a práticas individuais e atitudinais, fluidas e assistemáticas (CAMPOS, 2017).

Em outras palavras, observa-se o desenvolvimento de um projeto político que visa a neutralização de uma consciência coletiva negra; nutrido tanto pelo medo de seu potencial, quanto pelo desejo da manutenção de sua exploração. Desdobrando-se e sofisticando-se de tal forma a

---

12 Isto porque seus componentes mediam a distribuição desigual de recursos e de oportunidades ao acesso à educação; saúde; moradia; justiça; e trabalho (TELLES, 2012).

(...) que grandes segmentos negros, tendo introjetado esta ideologia do colonizador, procurassem passar por brancos, ou, pelo menos, promover-se na escala cromática que o colonizador estabeleceu, tendo como modelo superior a ser alcançado o branco. (MOURA, 1983, p. 26)

É, portanto, a partir do entendimento dessa retórica da salvação<sup>13</sup>, reconhecidamente mobilizada por agentes e instituições dominantes da narrativa social, que se articula a hipótese da (re)produção de (in) visibilidades que mulheres negras, cujas sexualidades são dissidentes, experimentam na vida social, com seu desdobramento para seus usos das plataformas de redes sociais. Ora, se tecnologias digitais (re)criam regimes de visibilidade, assim como plataformas digitais não apenas refletem, mas (re)produzem o social e seus respectivos dilemas do cotidiano, é possível dizer que gênero, raça e sexualidade se constituem enquanto marcadores sociais de grande relevância para refletir sobre a presença político-social virtual de mulheres negras lésbicas.

## Considerações finais

Ao analisar informações de perfis de mulheres negras lésbicas, que utilizam suas contas de *Instagram*, para produção de conteúdo sobre antirracismo, combate ao sexismo e à LGBTIfobia, este trabalho pretendeu explorar a possibilidade de as sexualidades dissidentes aportarem características particulares ao debate racializado proposto por essas mulheres. E, com sorte, incitar, a quem nos lê, a reflexão, não em torno de uma espécie de hierarquização de opressões, mas sobre a pluralidade vivencial experimentada por diferentes mulheres negras.

Ante a plataformização da vida, também observamos a articulação de diferentes indivíduos/es/os com, e a partir de, os dispositivos e as plataformas, a fim de produzir sentidos sobre si mesmas/es/os. Haja vista a incidência das/es/os sujeitas/es/os enquanto produtos e, ao mesmo tempo, consumidoras/us/es (LUPTON, 2014), reafirmamos que plataformas digitais não representam estruturas meramente

<sup>13</sup> Aqui, provocativamente, transposta aos ambientes/plataformas digitais e suas supostas neutralidades tecnológicas.

capazes de refletir o social, mas ainda, de (re)produzi-lo, assim como seus dilemas do cotidiano (DIJCK, JOSÉ; POELL, THOMAS; WAAL, 2013).

Na última parte do trabalho, uma das mais importantes, nos dedicamos à alguns apontamentos sobre os principais resultados e discussões. Ainda, buscamos tensioar o campo pesquisa das diversidades com potenciais de prospecção de sua aplicação empírica para a comunidade científica. Por fim, esperamos que alguns desses tensionamentos sirvam como oportunidades futuras para discussões sobre a necessidade de desenvolver novas pesquisas no campo, bem como novos diálogos com as análises mobilizados no decorrer do texto.

## Referências

BENTES, A. **A gestão algorítmica da atenção: enganchar, conhecer e persuadir**. In: POLIDO, F. B. P.; ANJOS, L. C.; BRANDÃO, L. C. C. (org.). Políticas, internet e sociedade. Belo Horizonte: IRIS, 2019.

BENTES, A. MediaLab UFRJ » **Quase um tique: economia da atenção, vigilância e espetáculo a partir do Instagram**. 19 jun. 2018.

CAMPOS, Luiz Augusto. **Racismo em três dimensões: Uma abordagem realista-crítica**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32, n. 95, 2017.

DIJCK, J.; POELL, T.; WAAL, M.C. **The platform society: public values in a connected world**. New York: Oxford University Press, 2018.

DIJCK, J. **In data we trust? The implications of datafication for social monitoring**. MATRIZES, 11(1), p. 39-59, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a História da sexualidade**. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27

GILLESPIE, T. **A relevância dos algoritmos**. Parágrafo, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 95-121, jun. 2018. ISSN 2317-4919.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p.223-244.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. **Como trabalhar com raça em sociologia**. Educação e pesquisa. Vol.29, n 1, São Paulo, Jan/Jun.2003

\_\_\_\_\_. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**, NOVOS ESTUDOS, n. 43, 1995

\_\_\_\_\_. **A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos)**. Tempo soc. Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2): 121-142, novembro de 2001

LORDE, Audre. **Sou sua irmã**: Escritos reunidos e inéditos. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LUPTON, D. **Digital Sociology**. Nova Iorque: Routledge, 2015

MACKINNON, Catharine A. **Feminism Unmodified**. Cambridge: Harvard University Press, 1987

MATHIEU, Nicole-Claude. **Identidade Sexual/Sexuada/De Sexo? Três Modos de Conceitualização da Relação entre Sexo e Gênero**. In: FALQUET, Jules et al. O Patriarcado Desvendado – Teorias de Três Feministas Materialistas: Collete Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu. Recife: Edições SOS Corpo, 2014.

MOTTER, Julianna P. J. **A compreensão das lesbianidades a partir do Google**. p. 10 – 21. In: IANTAS, I. C.; TAKASHIMA, K. T. K.; SOUZA, K. A. P. de; SILVA, M. F. da. (orgs.). Resistência LGBTI+: caderno de trabalhos [meio eletrônico]. COR.LGBTI, 2020.

\_\_\_\_\_. **Falar do ódio fora do ódio: testemunho de ativistas lésbicas sobre o discurso de ódio nas redes sociais**. 2018. 89 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

\_\_\_\_\_. **Rebuceteias: conectividades lésbicas em tempos de Covid-19**. In: ENCONTRO VIRTUAL DA ABCIBER, 2020, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: ABCiber, set. 2020.

MOURA, Clovis. **Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo.** Apresentado no 11º Congresso de Cultura Negra das Américas, 17-21 mar 1980, Panamá. Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (SP). Afro-Ásia, 1983

NATANSOHN, L. G. (Org.). **Internet em código feminino. Teorias e práticas.** 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2013.

NUSSBAUM, Martha. *Objectification.* Philosophy and Public Affairs, 24(4), p. 249–291, 1995

PINTO, Júlio R. de S.; MIGNOLO, Walter D. **A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial.** Civitas, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 381-402, jul.-set. 2015

SOUZA, Neusa S. **Tornar-se Negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social,** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2º edição. Coleção Tendências, V. 4, 1983.

TELLES, Edward. **O significado da raça na sociedade brasileira,** 2012. Tradução de *Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil.* Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2004.